

Horácio Neiva:

O livre convencimento é uma das coisas mais sensacionais - e bizarras - que a prática jurídica brasileira já criou. Imaginem o caso.

Testemunhas ouvidas, abre-se prazo para pedido de diligências. Várias são requeridas. O Juiz indefere todas. O motivo? "O processo já está bem instruído".

O que vem em seguida? A sentença, claro. E, como não poderia deixar de ser, ela julga improcedente o pedido por falta de provas.

Acompanhem comigo: o Juiz indefere a produção de provas porque entende, com base no seu maravilhoso livre convencimento, que já as há em número suficiente no processo. E depois, como num passe de mágica, profere sentença afirmando que as provas, antes consideradas bastantes, agora já não bastam mais.

Na prática, o que houve? O Juiz, no seu âmago, lá nos confins do seu rim (ou do seu pâncreas), simplesmente entendeu que não havia provas. E se não as há, por que permitir que sejam produzidas?

"Já estou convencido que faltam provas, logo não vou permitir que a parte as produza - como a parte vai produzir algo que não existe? (Errata: que eu julgo que não existe?)".

É a versão judicial-tupiniquim da epistemologia reformada de Alvin Plantinga: a crença do Juiz é tão básica, tão fundamental, tão entranhada nas suas víceras, que ele não precisa de qualquer evidência para apoiá-la. E se você tentar produzir alguma em sentido contrário, bem, pior para você.

Espero que o Lenio Luiz Streck consiga explicar essa.

Vejam o complemento de Diego Crevelin:

Assim, o livre convencimento motivado assegura que o juiz é livre para:

- (i) valorar, a seu talante, as provas produzidas;
- (ii) supor que há mais provas a produzir e determinar a sua produção de ofício; e
- (iii) supor que não há mais provas a produzir e indeferir as que sejam requeridas.

E detalhe: o livre convencimento motivado """"""continua"""""" no CPC...

O leitor Victor Augusto comentou o post de Horácio, dizendo: E ensinam que o NCPC removeu o "livre", restando só o convencimento motivado. E eu, Lenio, acrescento, aqui e agora: os professores que fazem isso assassinam dois mil anos de filosofia. Bingo!

